

Anno 88.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

PARA OS SUBSCRITORES,
Não excedendo de 20 linhas, ..\$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES,
Não excedendo de 10 linhas, ..\$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

MACAU 23 DE DEZEMBRO

UMA das mais salientes feições deste jornal é a opinião, sobre os meios e condições a empregar para a consecução da prosperidade moral, material e económica desta colonia. Temos já apresentado alguns alvitreiros sobre melhoramentos de reconhecida necessidade e vantagem para Macau.

Não obtivemos ainda os dados estatísticos, que pedimos para o desenvolvimento de nossas questões, mas em quanto os não conseguimos, não devemos deixar comtudo de tratar, ainda que não com a precisa proficiência, do que possa interessar a esta terra, voltando mesmo a alguns dos assumptos, de que já temos fallado, pois é dever da imprensa não perder de vista as uteis medidas apresentadas, até que finalmente se verifique a realisação dellas; sendo certo tambem que, ainda mesmo depois de realisadas, é mister fazer todas as indicações tendentes a adaptal-as aos tempos, e consequentemente ás mudanças, que acaso se forem operando no estado da colonia.

Fallando acerca de Macau, dissemos já que os nossos antigos predecessores, tornando esta terra em uma cidade importante pelo commercio, não curaram da sorte dos vindouros, sacrificando o futuro ao presente; e observamos que com a mudança das instituições haviam por consequencia mudado as ideas, e que hoje, constituições e livres, deviamos sacrificar o *bezerro d'ouro* do egoismo no altar da patria, para cada um, dentro da sua esphera, esforçar-se por engrandecer esta bella parte da monarchia portugueza.

O espirito de associação, já para fazer de Macau uma verdadeira praça de commercio por todos os meios de que possa dispor, já para abrir fontes de instrução publica aos dois sexos, já para fundar pelo menos um estabelecimento de piedade e de socorros mutuos sobre a vida, —é o grande fim a que todos devem propôr-se, porque, alcançado que seja este desideratum, os melhoramentos materiaes hão de vir espontaneamente como sua natural consequencia.

Já tivemos occasião de dizer que nos paizes, onde se sabe comprehender a dignidade e opulencia, a que o principio de associação pôde elevar um povo, se abrem por toda a parte aquellos estabelecimentos, que a moderna civilização aconselha como poderosa alavanca, para o genero humano erguer sobre si e sobre seus filhos e demais descendentes uma justa e verdadeira felicidade.

Agora acaba de chegar a Macau um projecto de estatutos para a *Sociedade Portuguesa de seguros mutuos sobre a vida*, administrada pelo *Monte pio geral* de Lisboa.

Lemos os artigos deste projecto, e a sua leitura realmente mais nos anima a

instar que se funde um monte pio geral nesta cidade.

Os filhos de Macau, que se acham dispersos pelas proximas terras estrangeiras, quão gostosos deveriam viver, sabendo que do producto do seu trabalho estavam preparando um socorro e amparo futuro para as suas familias, sem que esse obolo sagrado lhe fizesse falta no presente. E demais, a pratica desta grande virtude a todos deve dulcificar a existencia.

Ahi estão as familias dos militares, dessa classe tão importante, e indispensavel mesmo, não só nestas paragens, mas em toda a parte onde ha povo digno deste nome, e a muitos dos quaes, como já por duas vezes lamentamos, não chega mesmo o soldo para a alimentação de cada dia, com aquella decencia que a sociedade lhes exige, e aquella regularidade que carecem para bem desempenhar o serviço de que estão encarregados; repetimos, ahi estão essas familias que, pela morte de seus chefes, muito podiam aproveitar com os socorros que garantem estas boas instituições, sem ser necessario onerar a sociedade com subscrições, quadro que magoa a vista e opprime o coração, principalmente com a lembrança de que aquella familia pertencia a um homem, que, depois de prestar grandes serviços á sociedade em toda a sua vida, morreu, entregando sua familia ás garas aduncas da miseria.

O projecto dos estatutos, a que nos referimos, está firmado em solidas bases para garantir toda a confiança aos *subscriptores, interessados, e segurados*.

Os *subscriptores* são as pessoas, que entram no cofre da associação com certas quantias, debaixo de determinadas condições.

Os *interessados* são os que segundo o contrato, podem ter direito á herança e mais beneficios do seguro.

Os *segurados* podem ser representados por uma só vida ou pessoa, ou consubstanciar-se em duas vidas ou pessoas.

A noticia deste projecto já se acha na folha official de Macau. É mais uma bella instituição, que se trata de juntar ás muitas desta ordem que ha em Lisboa, e em todas as provincias de Portugal.

Tão salutares são os seus resultados, que por muito que se accumulem, estes estabelecimentos nunca são de mais.

Este caminhar grandioso de um povo traduz-se no conhecimento que esse povo tem de si proprio, na luz brilhante da civilização, e nos sentimentos mais grandes e generosos, que podem ornar o coração humano.

E quando o povo portuguez se vae penetrando cada vez mais de sua missão na qualidade de povo civilizado, não pode Macau ficar indifferente a esse progresso, a essa condição gradiosa do seculo que atravessamos, porque Macau

tem intelligencias e illustrações, e é uma das mais bellas colonias de Portugal.

A administração pôde fazer muito, mas é necessario contar com a boa vontade e auxilio dos administrados.

O actual ministro dos negocios da marinha e ultramar, esse respeitavel personagem, que tem consagrado todo o seu ser ao bem do paiz, não cessa de empregar todos os meios, de que um illustrado ministro pôde dispor, para melhorar o estado das nossas colonias; e Macau tem o melhor governador que se podia desejar. Mas é mister que nas proprias localidades haja serios estudos sobre o que convem fazer-se, e tentativas uteis da parte dos cidadãos, que se acham habilitados com os meios e os dotes da intelligencia.

Pelo que nos respeita, não nos pouparemos em fazer indicações de quantos meios possamos achar conducentes ao engrandecimento desta terra.

M. DE CASTRO SAMPAIO.

HAVENDO transcripto o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, —certamente a pedido, —algumas lamentaveis correspondencias de Macau, ha tempos publicadas no *Daily Press* de Hongkong, —folgámos nós de copiar a resposta que no mesmo jornal lhes foi dirigida, pois nos agrada sobremodo ver que a imprensa lisbonense sabe dar ás baixas manifestações d'intrigas e pequenices locais, embora distantes, o valor que ellas de facto merecem.

A illustrada maioria dos cidadãos de Macau estamos certos que repelliu com desgosto a letra nojosa d'essas correspondencias; e, o estrangeirismo de que falla a resposta é, felizmente, muito menos geral na colonia do que poderia suppor-se ao longe, em vista de taes *specimens*.

O correctivo é porem merecido, e apraz-nos applaudi-lo.

Tem vindo ha dias publicada no *Jornal do commercio* uma serie de cartas recebidas de Macau, e transcriptas do *Daily Press*. Pelo estylo das cartas e natureza da folha a que originariamente se dirigiu o correspondente, parece que anda tão deslembado da lingua materna como da sua nação, considerando que esta não passa de Macau, e que Macau não faz parte integrante da monarchia portugueza senão quando precisa da metropole.

Sem tratar dos outros assumptos da correspondencia, que apenas dizem respeito a bem irreflectidos e calumniosos desafogos de insignificantes intrigas locais, mencionarei o seguinte singular e significativo periodo da carta hoje publicada: "Até ultimamente o governo da metropole acaba de ordenar "outro saque annual de porto 35:000\$000 para ajuizar dal-o em certas construcções, innovações, e acquirições no arsenal da marinha de Lisboa! Que tem os vós que fazer com o arsenal da marinha de Lisboa, quando Macau carece de mil melhoramentos necessários e indispensaveis?"

O correspondente esqueceu muito depressa que Macau ainda ha pouco tempo recebia de Lisboa por subvenção do governo 6:000 libras annuaes, soccorro a que deve o seu actual desenvolvimento; esquece as sommas que o estabelecimento ficou devendo, e deve ainda, pelas despesas feitas em Goa com os

socorros que d'alli se lhe enviaram quando foi o desastre do governador Amaral; esquece que a fraternidade com as outras provincias lhe é obrigação; e esquece finalmente que ainda assim a maior parte do seu actual rendimento é applicada a obra de utilidade local, que poderei citar-se quizerem.

Singular doutrina seria que as colonias possessem receber dos cofres centraes do Estado avultados auxilios, e não descessem contribuir para as despesas communs. Representariam então exclusivamente um onus. Não fariam parte da monarchia, senão para gastarem. Depois de soccorridas, enthesourariam para si. Nem sequer se julgariam em relações estreitas, como quer o correspondente, com a marinha que as protege e as comunica. Que nação pratica tal? Que juizo o aconselha? Em que noções de patriotismo e justiça se fundam tão extravagantes pretenções?

Ha em Macau, dizem-me, quem se esqueça de que é portuguez, e tem as obrigações pertencentes a todos os portuguezes. D'estas amostras vejo que é verdade. Cumpra haver cuidado. Se esses individuos levassem muito longe a indiscricção, seria eu aqui incessante em clamar ao governo, e comigo quatro milhões de homens: "fazei sentir a quaesquer 'degenerados que, se Portugal vive ainda para lhes 'acudir nas necessidades, não menos vive para os 'manter nas condições da comunidade!"

NOTICIAS DIVERSAS.

Ensaio brilhante.—Temos ouvido dizer que a distincta sociedade dos *amateurs*, que se andam ensaiando, para representar no theatro de D. Pedro V na noite de 3 de janeiro proximo, vão brilhantemente no desempenho de seus papeis.

Assim o esperavamos, como o esperava e desejava a boa sociedade de Macau.

Anciamo, pois, o momento de podermos dar-lhes os nossos sinceros parabens e devidos applausos.

Visitador importante.—Chegou a esta cidade no vapor da carreira de Hongkong no dia 22, e regressou em 23, o distincto engenheiro o sr. Robison.

Este cavalheiro, veio ha pouco de Inglaterra com as mais notaveis recommendações, e comissionado por acreditadas casas de Londres de construcções maritimas, para se encarregar de qualquer obra deste genero na China, e em todos os portos, por onde vae passando.

Nas poucas horas que estive em Macau, teve occasião de ir observar o canal do rio e o banco da rada, e deu o seu parecer sobre o modo de melhor remover os embarracos que ali existem, cujo trabalho achou de facil realisação.

Segundo ouvimos dizer, o Exmo. Governador apreciou devidamente o seu justo merecimento, e os que o trataram, consideraram-no debaixo das melhores impressões.

Agora dizem-nos que irá a Shangae e a Pekim.

Ainda bem.—Sabemos que já se fizeram os devidos reparos na casa, que ameaçava desabamento, e para que chamamos a attenção de quem competia, no numero anterior deste jornal.

Louvamos a promptidão na providencia, e folgamos de ter sido attendidos na indicação que fizemos.

Reincidência.—Continuam as queixas de alguns dos nossos assignantes desta cidade, contra o mau serviço dos *cules*, encarregados pela camara municipal de levarem o lixo das casas para fóra da cidade, e já accusam a camara de não ter tomado as necessarias providencias de augmentar o numero de *cules*, para que não haja faltas.

Nós, achando justas estas queixas, pedimos a camara, em nome do bem publico, que se não descuide de um tornar a medida proficua, augmentando aquelle pessoal.

Occurrencias policiaes.—Foram presos trez chinas, chamados Cheng-pio, Chun-cão, e Saim-can. A prisão do primeiro verificou-se em 18, e foi remettedo á procuratura em 19, por estar mechando na porta do senado fóra de horas; e a prisão dos dois ultimos teve lugar em 21, sendo remettedos á procuratura em 22, por haver recalhido nelles a suspeita do roubo de um armario, uma colcha, e uma caixa com alguns objectos dentro para fumar opio.

O primeiro destes ultimos havia já sido remettedo outras vezes á procuratura por crime de roubo, e o segundo já havia sido castigado na alfandega com cem varadas, e remettedo ao mandarim.

Havia-se encontrado uma pequena embarcação em estado de abandono, e diz a parte da policia que esta embarcação se acha fazendo tanta agua, que corre risco de ir ao fundo.

Foram embargadas duas embarcações, uma por ordem do Exmo. Governador, e outra por effeito de uma requisição do sr. procurador do senado.

SOIREE.

No dia 20, anniversario natalicio do sr. Juiz de Direito João Ferreira Pinto, houve á noite em casa de s. sa. uma *soirée* dançante. Estava ali a boa sociedade de Macau. Eram perto de 40 as senhoras, entre as quaes se notavam algumas senhoras estrangeiras; e cerca de 50 os cavalheiros, em cujo numero tambem havia varios estrangeiros. As salas estavam com singular, mas elegantemente decoradas.

Achando-se ausente a exma. esposa do sr. dr. João Ferreira Pinto, foi a exma. sra. D. Florentina Carvalho Carneiro, esposa do sr. Bernardo Estevão Carneiro, quem fez as honras da casa para com as senhoras.

As estimaveis qualidades, tanto desta dama, como do sr. Ferreira Pinto, deram um realce especial áquella agradável reunião, que correu animada, vistosa e brilhante. As *toilettes* das damas eram simples, mas parece que por um capricho singular rivalisavam em elegancia.

Depois do chá, rompeu o baile por uma quadrilha de contradanças, seguindo-se-lhe as *waltzes*, as *polkas*, *lanceiros*, etc. Oh! como era bello ver aquelle turbilhão de vida, de delicias e de amor!

Mas essas mimosas flores, que vecejam quasi escondidas, e que ali vimos juntas, como que n'um ameno jardim, não eram só interessantes na dança, eram-n'o tambem nos intervallos, para quem as sabia contemplar.

Myriada de sorrisos angelicos pairavam por sobre o ambiente embalsamado daquelle oasis de fragranças, que encontramos nos aridos desertos da vida.

Aqui estava a virgem singela e elegante, como as elegantes de Raphael. Ali se via a dama espirituosa, como a israelita de Florian. Acolá e mais alem se contemplava em outras damas um mixto de seriedade e riso, um porte soberano, mas lèdo e prazenteiro, que ao mesmo tempo excitava respeito e admiração.

Uma joven e illustrada poetiza macaense se achava tambem ali, e alguns cavalheiros, cheio o coração de poesia, tiveram a ventura de conversar com a mais bella das bellas artes, com a mimosa filha das Musas.

Entretanto o sr. Ferreira Pinto, já a uma, já a outra pessoa, dirigia palavras agradaveis, com aquella delicadeza e aquella energia, que acompanham sempre o nosso doutor.

As duas horas da madrugada teve lugar uma esplendida ceia, primeiro para as senhoras, depois para os cavalheiros. Houve alguns brindes, que foram francamente applaudidos, e nada faltou para o complemento de uma verdadeira satisfação.

Acabada a ceia, ainda se dançou, e em um intervallo da dança o sr. alferes Sá Camello recitou uma poesia ao piano, que foi de bom effeito; vindo a terminar a *soirée* ao despontar da aurora do dia 21, e retirando-se todos com as bellas impressões do prazer que ali gosaram, e penhorados pela urbanidade, com que foram tratados em tão agradável reunião.

M. C. S.

COMMUNICADOS.

No dia 19 de Novembro, procedidos os competentes avizos, e convites na forma do Art.º 1045 do Codice Commercial: se reuniram os negociantes d'esta Praça no Tribunal de Justiça, e nomearão os quatro jurados commerciaes, e dous substitutos; como manda a Carta de Lei de 7 de Abril de 1863, como se fez publico no Boletim do Governo. O Ilmo. Juiz Presidente João Ferreira Pinto fez hum piqueno discurso ex-improvisu, ponderando as vantagens, que da criação do Tribunal, provinham aos interesses commerciaes, e aos negociantes em geral, e disse que esta criação é devida á protecção do Governo, e á solicitude, perseverança, e zelo com que o digno Deputado por esta cidade Mattos Correia tem trabalhado a bem desta cidade. O mesmo Ilmo. Juiz Presidente declarou, que determinaria dia, para dar juramento aos jurados nomeados; e com effeito foi marcado o dia 3 de Dezembro para o acto solemne do juramento dos jurados, e para este acto, que foi em sessão publica, foram convidados S. Exa. o Governador, seu estado maior, e os chefes das differentes repartições d'esta Cidade; e antes do juramento o mesmo Ilmo. Juiz Presidente fez o discurso, que abaixo se segue: findo o qual S. Exa. o Governador se congratulou com o Corpo Commercial, e com todos os habitantes de Macau, pela criação do Tribunal Commercial, que dezejou seja para bem da Cidade, seu augmento, e prosperidade.

SENHORES

Saudando com sincero jubilo todos os melhoramentos publicos, todos os progressos de civilização, contando dias bem felizes, aquelles, em que hum nova instituição, hum novo monumento, em prol, em honra, e a bem d'esta Ilustre Cidade de Macau, hei visto erigir-se, sincero jubilo sinto hoje ao ver estabelecido em fim n'esta Cidade o Tribunal de Commercio.

Instituição liberal " qual he o Jury Commercial " data elleinte nós desde a difficil victoria d'esses principios de em entendida liberdade legal, e que o mundo civilizado resta devida homenagem. Euz os grandes males, quide ha muito tempo athe essa epocha memoravel se fazia sentir, era por certo bem notavel a falta de systema na egiliação Commercial.

Inhamos sido os primeiros maritimos d'entre as actuações da Europa nos Portuguezes: tinhamos levado om a Religião a civilização, e o Commercio não só aos paes mais longinquos, mas tambem aquelles, que nós os Portuguezes descobrimos, e conquistamos na Africa, na America, e na Azia. Já em 1563 tinhamos Tribunal, e Foi esse para regular o grande Commercio Portuguez qui se vê n'essa antiquissima Legislação do Consulado.

Com a revolução dos tempos, fazendo-nos perder a alta consideração, e privilegios, com que se ufanáramos devida mente e muito se Honró ainda os *Nossos Reis*, contando ente seus pomposos Titulos o de Senhores da Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India—perdesse tão bella instituição e com tal perda veio a incerteza lo Direito mercantil, vindo as mal entendidas protecções, e privilegios inimigos da prosperidade, Commercial especialemente. Depois porem encheu-se a necessidade de ar ás cruzas commerciaes foro especial, e Tribunas especiaes foram successivamente estabelecidos, quaes os— de India, e Mina, Ovidoria da Alfandega, Juizo Conservador do commercio, Juizo dos fallidos, Caza dos seguros, Almirantado, e Junta do Commercio. Todas essas instituições em honra, e favor do Commercio provão quanta consideração merecerão sempre os Negociantes, ou Comerciantes, pois que em geral fórmão no mundo humna nação composta de todas as Nações, como bem diz o eximio Jurisconsulto Author do nosso Codice Commercial, o Ille. maistrado José Ferreira Borges, que no meio das lides de tantos annos edificou no exilio esse monumento de gloria Nacional, o Codice Commercial Portuguez, que rivaliza em os melhores da Europa, e do mundo civilizado.

Meu, Cidade Commercial por essencia não podia, nem devia deixar de gozar essa benefica instituição, que dá ao Corpo Commercial tão alta consideração, qual he o Jury Commercial.

Exulto pois ao ver desde hoje firmado n'esta Cidade illustre mais hum padirão devido á solicitude do Governo, e bons officios do Ilustre Representante de Macau em Cortes—padirão, que as vindouras gerações apontarão por certo como hum marco notavel no caminho do progresso de Macau.

Exulto de que por hum feliz coincidência o dia da abertura, e instalação do Tribunal do Commercio em Macau seja hum dia tão solemne aqui, como solemne he na India, como solemne em tão remotos climas he o dia 3 de Dezembro.

Felicitando devidamente o Ilustre Corpo de Commercio em Macau, faço sinceros votos pelo seu progresso, e venturas, e que proficua lhes seja a instituição legal, e benefica, que hoje se inaugura neste Tribunal.

Está aberta a 1.ª Sessão do Tribunal de Commercio de Macau.

3 de Dezembro de 1863.

O CATHOLICISMO JULGADO POR UM SABIO PROTESTANTE.

(Continuado do n.º 7.)

Inimici nostri sunt iudices (Num. 32 11).
Somus iudicatos per nosos inimicos.

Reformas na corte de Roma e novas victorias do Catholicismo.—*Invoca-se o testimónio do Guizot sobre o quanto a Igreja concorreu para a civilização moderna.*—*O de Gibbon, Humo e Heinecio sobre a mesma materia.*—*O de Voltaire e Hurler sobre os Papas e as Cruzadas.*—*Ainda Guizot, Leibnitz e Proudhon sobre as censuras e a entrada da Igreja nos negocios civis e politicos.*—*A Igreja salvadora da civilização.*—*Eloquentes apostrophe de Joly.*—*Refuta-se uma objecção, invocando Balmes, Luthero, Erasmo, Cordus, etc.*—*Juizo William sobre os apostatas do Catholicismo, etc.*

VII.

Thomaz R. Macaulay falla novamente da reforma operada na corte de Roma; e dividindo a Europa em Norte, Meiodia e Centro, notando que nestas ultimas partes se comprehendiam a França, a Belgica, a Alemanha meridional, a Hungria, a Polonia e a Transilvania, etc., diz que estiveram ellas quasi a ponto de seguir o impulso do Norte, onde era o grande campo de batalha entre o Catholicismo e a chamada Reforma protestante. Depois continúa:

"As probabilidades pareceram ser o principio pelo Protestantismo, mas a victoria por fim de contas foi do Catholicismo, que ficou superior em quasi todos os pontos. Meio seculo depois triumphava em todo o Centro, e o Protestantismo nos duzentos seguintes annos não pôde tornar a conquistar o perdido."

—Foi de certo o que nos valeu. Se assim não fosse, o que seria da civilização da Europa e do mundo? Seria tudo abysmado, seria tudo destruido pelas saturnas do Protestantismo!

Os leitores hão-de-nos permittir que aqui nos demoremos mais por um instante.

Não somos de certo *doctrinario*, assim como não somos *eclecticis*, na moderna significação da palavra. Somos catholicos Apostolicos Romanos, e eis-aqui tudo: mas isso não tira que nós sirvamos das insuspeitas confissões de nossos adversarios, e de que lhes achemos razão quando e aonde elles a tem.

Guizot por exemplo (além de Macaulay), Gibbon, Humo, Leibnitz, Grotio e os proprios Rousseau e Voltaire nos dão muitas vezes armas com que defender triumphalmente a cauza da Igreja.

Aproveitemos-a pois.

VIII.

Sobre este ponto importantissimo de ser a Igreja a civilisadora do mundo moderno, e até o amparo necessario e o apoio mais firme da chamada civilisação protestante, disse já Guizot o sufficiente, no celebre livro que ha pouco publicou afavor do poder temporal do Pontífice;—livro que fez raivar de certo todos os impios e revolucionarios modernos, mas contra o qual não souberam nem poderam senão atirar quatro injurias, ou quatro banalidades (1), remetendo-se logo a um silencio significativo.

Na sua mui celebrada *Histoire Generale de la civilisation en Europe*, magistralmente refutada n'alguns pontos pelo grande Balmes (2), mas onde apesar disso, ha muito que aproveitar, escreve o precitado escritor francez,—tambem protestante, e além disso ex-ministro do Luiz Philippe—o seguinte:

“Se não fosse a Igreja, ignoro, Senhores, o que teria acontecido no meio da queda do imperio romano. . . . Foi a Igreja, com as suas instituições, seus magistrados, seu poder, que se defendeu vigorosamente contra a dissolução interior do imperio, e contra a barbarie. Foi ella que domou os barbaros, e que se tornou o laço, o meio, o principio de civilisação entre o mundo velho e o mundo novo.

“As vexações do despotismo e as ruínas das cidades tinham feito cair no desalento e na apathia os membros dos corpos municipaes; os bispos pelo contrario, e o corpo dos presbyteros, cheios de vida e de zelo, prestavam-se, como era natural, a inspecionar e a dirigir tudo. Seria uma injustiça arguirl-os disso, taxal-os d'usurpadores. Se abrides o codigo Theodosiano, ou o de Justiniano, achareis um grande numero de disposições que entregam os negocios municipaes ao clero e aos bispos. . . . Por isso tambem concorreu a Igreja poderosamente desde essa epocha para crear o caracter e desenvolvimento da civilisação moderna.

“Primeiro que tudo foi d'uma immensa vantagem a presença d'uma força moral que repousava unicamente nas convicções, nas crenças e nos sentimentos moraes, no meio deste diluvio da força material que veio precipitar-se em tal epocha sobre a sociedade.

“Se a Igreja não existisse o mundo teria ficado entregue á pura força material. (Hist. Gen., II, l.º.)

“A Igreja tinha além disso agitado todas as grandes questões que importam ao homem. Ella se tinha inquietado com todos os problemas de sua natureza, com todas as probabilidades do seu destino. Tambem a sua influencia sobre a civilisação moderna foi muito grande,—maior talvez do que a supposeram os seus mais ardentos adversarios, ou os seus mais zelozos defensores. Occupados em servir-o ou em combatel-o, não a consideraram senão debaixo d'um ponto de vista polemico, não souberam, creio eu, julgar-a com equidade, nem medil-a em toda a sua extensão.” (II, V l.º.)

IX.

Gibbon, tambem protestante, fallando da acção da Igreja na constituição da sociedade franceza, diz que os Bispos fizeram a França como um encame d'abelhas faz a sua colmeia; bella imagem e bello pensamento para explicar a paciencia, o cuidado, a ordem e o empenho que a Igreja decente pôz nessa obra creadora.

Hume, não só protestante, mas atheu (já que se pode ser uma e outra coisa juntamente!) e rancoroso inimigo da Igreja, fallando da Inglaterra sua patria, não tem animo de calar a verdade, a diz:

“O acontecimento mais feliz que assignalou o reinado do grande Ethelberto foi a introdução da religião catholica entre os Saxo-Ingleses. . . . Apesar da certeza de suas luzes (dos Saxonios) ellas tinham devido perceber que os progressos do espirito humano se tinha estendido muito mais nas provincias do Meiodia (christians) do que no seu pais: era pois muito natural que com docilidade se entregassem a essa superioridade de conhecimentos, tanto como ao zelo das conversões que então muito distinguia os habitantes dos estados christãos.” (Hist. of England., cap. 1o.)

De novo citaremos Guizot, que tanta auctoridade tem adquirido entre certa classe de leitores:

“A Igreja, diz elle, obra d'uma maneira muito efficaç para melhorar o estado social. Ninguém ignora que ella teve de lutar obstinadamente contra os grandes vicios do estado social, por exemplo, contra a escravidão. . . . Ha disso uma prova irrecusavel: a maior parte das formulas d'emancipação em diversas epochas fundam-se n'um motivo religioso; e em nome da igualdade religiosa dos homens que a emancipação é quasi sempre pronunciada.

“A Igreja trabalhava igualmente na supressão d'uma multidão de practicas barbaras, e em aperfeiçoar a legislação criminal e civil.

Ha nas instituições da Igreja um facto geralmente muito pouco notado; é o seu systema penitenciario.

“Se estudardes a natureza das penas da Igreja, das penitencias publicas, que eram seu principal modo de castigo, vereis que ellas tem principalmente por objecto excitar o arrependimento na alma do culpado e o terror moral do exemplo nas dos assistentes. Emfim procurava por toda a sorte de meios reprimir na sociedade o recurso á violencia e ás guerras civis. Não ha ninguem que ignore o que era a tregua de Deus, ou uma serie de medidas do mesmo genero, pelas quaes a Igreja lutava contra o imperio da força, e se applicava a introduzir na sociedade mais ordem e mais doçura. Os factos são aqui de tal forma conhecidos que me julgo dispensado de entrar em particularidades.” (Hist. Gen. etc., XI, l.º.)

O precitado Gibbon, e Heinecio, ambos protestantes, tambem depeem em como a Igreja fez desaparecer alguns costumes barbaros que as leis ou auctorisavam ou não impediam, taes como a soberania que o marido tinha sobre a vida ou morte da esposa e filhos, fazendo muitas vezes vender estes como escravos para os lupanares, etc.

É e será sempre verdade o que disse Montesquieu, que a religião Catholica, parecendo trabalhar so em fazer santos para o ceo, concorre tambem sobremaneira para a civilisação, formando bons cidadãos para a patria.

X.

O impio Voltaire, no seu *Essais sur les moeurs*, cap. 28, dá um grande testemunho do muito que a Igreja catholica concorreu para a liberdade e independencia da Europa.

Fallando do Papa, diz “que se mostrou digno de governar Roma, e que foi elle quem estorcou que a Italia fosse destruida, e Roma reduzida, talvez a uma pobre aldeia mahometana.

“A coragem das primeiras idades da republica vivia n'elle (Leão 4.º) n'uma epocha de covardia e de corrupção; tal como um bello monumento da antiga Roma, que se acha algumas vezes entre as ruínas da nova.”

N'outra parte, fallando das ordens religiosas, e do quanto ellas concorreram para a civilisação do mundo escreve o seguinte:

“Foi por muito tempo uma consolação para o genero humano que houvesse asylos abertos para todos aquellos que queriam fugir das oppressões do governo godo e vandalo. Quasi tudo o que não era senhor de castello era escravo (servo); escapava-se na doçura dos claustros á tirania e á guerra. Os poucos conhecimentos que restavam entre os barbaros foram perpetuados nos claustros. Os beneditinos transcreveram alguns livros; pouco a pouco sahiram dos mosteiros invenções uteis. Além disso, estes religiosos cultivavam a terra, cantavão os louvores de Deus, vivião sobriamente, eram hospitaleiros; e seus exemplos podião servir para mitigar a ferocidade destes tempos de barbaridade.”

Vejamos agora como Hurter—outro grande historiador protestante, bem comparavel a Macaulay—se exprime a respeito do Papado, e por consequencia da Igreja Catholica, fallando das cruzadas:

“Não se podem apreciar assás os serviços que o Papado fez, reunindo as forças do Occidente contra esta torrente de barbaros que ameaçavam invadir a Europa.

Quem sabe se as cruzadas não preservaram esta parte do mundo d'uma irrupção tão desastrosa, como forão as de 710 e de 1686? E se de 1329 lançamos os olhos quatro seculos para traz, não devemos presumir que é aquellos que dirigiram as forças da Europa para o paiz do Islamismo, que esta deve o ter escapado ás invasões dos sectarios de Mahomet?” (Hist. d'Innoc. 3o., tom. 2o.)

“Sem estas guerras santas (as cruzadas) toda a raça humana estaria talvez ainda hoje degradada até aos mais profundos abyssos da escravidão e da barbaridade.” (Quarterly Review, sept. de 1819.)

Quando o Papa (hoje S. Pio 5o.) deu o golpe decisivo que livrou a Europa, e fez declinar o poder musulmano, em 7 d'outubro de 1571, as consequencias d'este acontecimento foram tamanhas, que Bacon, extasiando-se diante d'ellas exclamava: “Muito me admira que a Igreja Romana ainda não tenha canonisado este grande homem!” (De bello sacro.)

A sciencia exprime-se assim. . . . (1) (Continua.)

Pe. J. J. D'AFFONSECA MATOS.

(1) V. o Domingo, jornal religioso, no. 7.

NOTÍCIAS DO REINO.

Continuamos hoje a extractar noticias dos jornaes de que tiramos as do nosso numero passado.

Havia-se aberto em Marvilla, na escola primaria, um curso nocturno e gratuito para adultos, o qual

foi auctorisado pelo governo, tendo o subsidio de 508000 reis, dados annualmente pela camara municipal.—Já se acham inscriptos neste curso 117 alumnos, sendo operarios o maior numero.—Por occasião da inauguração, foi alli tocar uma philharmonia. O acto começou por um cantico religioso, e terminou por um hymno, que se havia composto para esse fim, e depois foi lido o discurso do director.—As disciplinas são: Ler escrever e contar—Calligraphia—Moral e historia sagrada—Grammatica portugueza—Francez—Historia patria e chorographia portugueza—Desenho linear e principios de geometria, com applicação á industria—E arithmetica e systema legal de pesos e medidas.—Esta para se estabelecer junto a esta escola uma pequena, mas escolhida livraria popular, para que os operarios e mais adultos, que frequentam o curso nocturno, podessem nos domingos e dias sanctificados encontrar allá uma distração instructiva.—É o, progressivo melhoramento, que se vai intruduzindo em todas as classes do nosso paiz.

O asylo de mendicencia de Coimbra havia recebido um donativo de 4:500000 reis, oferecido pelos negociantes portuguezes no Rio de Janeiro.—Muitos louvores cabem áquelles nossos benemeritos compatriotas, que tanto sabem honrar o nome portuguez.

Estava para sahir a lume em Lisboa um novo jornal litterario, intitulado: Portugal Illustrado, tendo por seu redactor principal o sr. Antonio Augusto Machado Monteiro de Campos.

Havia-se levantado em Lisboa uma grande portaria entre Bernardino Martins e Julio Cezar Machado, relativamente á mais bella metade do genero humano. Aquelle depremia as mulheres portuguezas, e exaltava as estrangeiras; este redicularisava as estrangeiras, e elogiava as portuguezas. Parece que se occasionára esta questão pelo facto de apparecerem muitas hespanholas em Lisboa, conduzidas pelos caminhos de ferro.

Haviam-se expropriado diversos terrenos na serria de Monsanto, para ali se construir uma grande fortificação, que deve fazer parte importante da linha ferrea da cidade de Lisboa.

Havia fallecido na villa de Moura no Alemejo o sr. dr. João Alexandrino de Sousa Queiroga, que tinha sido deputado ás côrtes de 1820.—Os homens publicos da nossa primeira constituição politica vão acabando de todo. A morte do sr. dr. Queiroga foi muito sentida.

Uma importante collecção de reptis e Aves de Angola havia sido enviada para o museu zoologico de Lisboa. Entre as aves, notava-se principalmente um turaco, era lindissima e que chegou viva; e entre os reptis, uma cobra tambem viva, a qual se chama *surucucu*, e é das mais venenosas da Africa.—O sr. dr. Bocage ia publicar uma memoria sobre esta collecção.

Por uma portaria com data de 16 de outubro, se havia determinado que a novissima reforma judiciaria fosse immediatamente posta em vigor nos estados da India.

Diz a *Voz do Alemejo* que estava para sahir á luz um novo jornal em Évora, intitulado *Jornal de Évora*.

Acabava de apresentar-se em juizo, no tribunal da Boa Hora em Lisboa um pleito muito importante, em que era auctora a sra. condessa da Povoia contra seus netos os srs. duques de Palmella.—A acção versava sobre lesão enorme, alegada pela sra. condessa, na herança de seu filho o conde do mesmo titulo, que só recebeu 80 contos, devendo ter recebido porto de 500, por não se ter feito devidamente a liquidação dos rendimentos, por occasião da morte de seu pae, marido da auctora.—O pedido, com os juros, sobe a 700 contos.—É advogado da sra. condessa o sr. dr. Beirão, e dos srs. duques, o sr. dr. Holtreman.

Dizia-se que o sr. ministro da fazenda tencionava libertar todos os funcionarios publicos de todas as deducções, que soffriam em seus vencimentos.

Tinha chegado a Lisboa o sr. visconde de Seisal, ministro portuguez em Bruxellas.

O vapor *Mindello* havia sahido de Lisboa para Tavira, a fim de conduzir desta ultima cidade para a capital, o batalhão de caçadores n.º 4.

A empresa do theatro de S. Carlos achava-se em grandes apertos, por lhe terem adoecido varios artistas, e por isso não poder regularmente dar as representações.

A esquadra italiana, que conduzia a Lisboa os principes, de quem fallamos no nosso numero passado, havia soffrido, na viagem de Gibraltar para Lisboa, um grande temporal. O almirante em attenção ás preciosas vidas dos principes italianos, não tanto porque houvesse muito perigo, mas porque era grande a responsabilidade, quiz arribar, porém o principe de Carignan, animoso e ousado, não o consentiu, tomando sobre si toda a responsabilidade do risco, que occorresse. Felizmente a esquadra resistiu ao temporal.

(1) Desculpe-se o gallicismo, que bem o merece.
(2) Veja-se *Le Protestantisme comparé au Catholicisme dans ses rapports avec la civilisation Européenne*, por Toeques Balmes,—obra importantissima e a todos os respetos mui digna de ler.

Nas linhas ferreas de Lisboa a Badajoz, e de Lisboa ao Porto, eram empregados por dia:—Operários 12:504—Carros, 555—Cavalgadas, 57—Wagons, 232.

Um facto extraordinario se havia dado na foz do rio Douro. Eis o que a este respeito diz um jornal do Porto:

"O grande acontecimento do hontem na Foz foi o apparecimento do phenomeno atmosferico, conhecido entre os navegantes pelo nome de *tromba marinha*.—Não tentamos descrever nesta occasião o phenomeno, que os leitores encontrarão magistral, e minuciosamente narrado em qualquer volume das *Lusiadas*. Ninguém depois de Luiz de Camões o pintou assim. Humboldt presta essa justiça ao grande epico dos mares, asseverando que não poderia a sciencia de hoje dizer melhor em prosa o que ha alguns centos de annos escreveu em verso o poeta portuguez.—A *tromba marinha* appareceu a pequena distancia de terra, na altura do Espinho aproximadamente, por volta das 9 horas da manhã do dia 14 de outubro.—A columna de vapores atmosfericos esteve condensada por pouco tempo. O redomoinho da agua, formando um como cômodo abicado, despegou-se pela base, e ficou por algum tempo suspenso, formando a base da columna aerea com um contorno irregular e phantastico, a similhaça de um immenso punhado de gelo, arrancado por mão de gigante á corporeidade de um monte.—A immensa sauguesuga, como lhe chama o nosso poeta, ficou depois bambeando por algum tempo nos ares, até que se dissipou completamente."

Transcreveremos aqui as quatro estancias daquelle episodio dos *Lusiadas*, em que Luiz de Camões apresenta Vasco da Gama a contar os detalhes deste phenomeno ao rei de Melinde, porque assim pouparemos aquelles de nossos leitores, que não temham fixado a attenção neste ponto, o trabalho de folhearem o livro.

.....
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas aguas do oceano.

En o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho, e subtil fumo,
E do vento trazido rolear-se:
D'aqui levado um cano ao polo summo
Se via, lizo delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

.....
Is-se pouco e pouco acrescentando.
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes d'agua em si chupava,
Estava-se co'as ondas ondoando;
Em cima delle nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co' o cargo grande d'agua em si tomada.

.....
Qual rixa sauguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que, imprudente
Bebendo, a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente;
Chupando mais e mais, se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
Assim a nuvem negra que sustenta.

.....
Mas, depois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E, pelo en chovendo, emfim roto,
Porque co'a agua as façetas aguas molhe:
As ondas tornã as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios da escriptura,
Que segredos são estes da natura.

CORRESPONDENCIA.

MACAO 23 de Dezembro de 1863.

Sr. REDACTOR do *Ta-ssi-yang-kuo*.

Estimado Sr.

Ora finalmente, Sr. Redactor, estou pasmado com o que vejo praticar ao tal *Echo* papel, que sóa em Hongkong, pois não só vejo que não entende as lições que lhe tenho dado a respeito da questão de Francisco José, Imperador de Austria, mas, ó pas-

mo dos pasmos! chama-me tolo e pateta, e fallando de si o tal Redactor diz o que abaixo se vai ler, Sr. Redactor:—

"Existem innumeraveis exemplos de pasmosos progressos, que a classe typographica, mais que nenhuma outra, tem feito nas letras, pelo continuo contacto, digamos assim, que tem a sua arte com litteratura e sciencias. O facto é tão notorio, que escusa exemplos que o confirmem. Entretanto se se precisa algum, da lo-hoios na nossa propria pessoa, já que vem tão a proposito; pois quem escreve estas linhas, e quem redige este Journal, não era (e ainda o é) mais que um simples typographo (temos brazão de o dizer e hoje lhe vê surgir um preseniteiro futuro, nutrido mui altas aspirações, que, com ajuda do Supremo Regedor dos nossos destinos, espera ver em breve realizadas."

Unde tibi venit fidula tanta?

En é que sou o tolo, Sr. Redactor, mas estou vingado.

Sou de V. etc.

Z.

ANNUNCIOS.

PROSPECTO.

COMPANHIA DA DOCA DE MACAO.

Capital \$150:000 em 150 acções @ \$1000 cada acção.

Logo que os subscriptores prefacem o Capital acima designado, estes serão convocados para hum *meeting*, a fim de se fazerem os estatutos, de se nomearem os directores etc., e de se assignarem as escripturas do contrato, ficando os estatutos da doca como os da companhia da Doça de *Hongkong* e *Vampu*, se assim o entenderem, e então se proporá a Compra ao Snr. B. E. Carneiro da propriedade dentro do rio de Macao, situada na Praia Manduco, agora conhecida pela denominação de *Guê de Carneiro* e juntamente as 4 Casas grandes e os 12 gudoços que existem, bem construídos, e o terreno todo que lhe pertence que mede a todo 70,575 pés de superficie, pela quantia de\$45:000

(As casas e godoços acima mencionados estão seguras parcialmente no valor de \$20,000 com o premio de 14 por cento.

Existe hum contrato feito para construir a Doça, com a capacidade de receber dentro hum Navio com 205 pés de quilha e 260 pés ao todo, sendo a entrada da porta de 55 pés, a largura da porta de dentro do lado de cima de 66½ pés, e no fundo 35 pés agora quasi construída, e poderá acabar-se em 3 ou 4 mezes, tendo de fundo nas marés altas 14½ @ 15 pés, e nas marés baixas 11½ a 12 pés pela quantia de\$24:000

Machina e bomba posta a servir5:000

Outras despezas feitas1:700

Custo total da Doça, Casas etc.75:700

Se se julgar necessario prolongar o terreno da doca sobre o rio com mais 31 pés de comprimento, o Governo de Macao concede licença para isso, assim como para entulhar um espaço que poderá servir para guardar madeiras e outros utensilios, o qual poderá ter de superficie 205 por 90 pés e o contrato extra para esta obra será:

Para estender a Doça 31 pés\$5:400

" mais 20 pés de quilha3:500

" entulhar o espaço acima dito 205 por

90\$10:300

.....\$19:200

Ainda assim restará huma somma disponivel de \$55:100 que poderá ser applicada para comprar objectos para construção, maquinas, e tambem para mandar vir engenheiros etc., e ainda estará bastante para haver um fundo de reserva. O Snr. S. B. Rawling aceita o logar de engenheiro encarregado pela companhia para dirigir os trabalhos, com a paga de 5 por cento do custo da Doça, pagando-lhe ainda a companhia as despesas de viagens. As acções poderão ser procuradas em Hongkong aos Snrs. S. B. Rawling e Phillips Moore & Co, e em Macao ao Snr. B. E. Carneiro, os que darão tambem as informações necessarias.

Macao Dezembro 15, 1863.

CORREIO MARITIMO.

A MALA para a Europa e India, por um dos vapores da Companhia Peninsular e Oriental, fechar-se-ha n'esta administração na *Quarta-feira* 30 do corrente, ás 10 horas da manhã.

JOSÉ DA SILVA,
Administrador Interino.

Correio Marítimo,

Macau 24 de Dezembro de 1863.

EXCELLENTE Azeite Doce de Portugal em barris e em garrafas. Algumas duzias de bom Vinho do Porto, e Madeira, tudo chegado na Galeira Deslaurante. Praia Grande N.º 14.

VENDEM-SE duas propriedades de casas contiguas, na Praia Grande N.º 14 e 15. Quem as pretender comprar dirija-se a

J. A. P. CRESPO.

PARA MANILLA.

SAHIRÁ de Macao o brigue Hespahol *Sm. Lovrezo*, Capitão Coloma, para o porto acima mencionado, no dia 27 deste mez.

Para carga ou passageiros dirija-se a

B. E. CARNEIRO.

Macao 3 de Dezembro de 1863.

ABAIXO assignado recebe constantemente de Londres, e offerece á venda, Rapé Princeza (aromatizo) em garrafas pequenas @ \$14 por cada uma, em Jarros 2½.

J. C. DOS REMEDIOS.

Hongkong 3 de Dezembro de 1863.

FAZENDAS DE INVERNO.

GRANDE sormimento de Casimira, Panno preto, Circassiana e Veludo de diferentes cores, por preços commodos.

Dirija-se á Loja de

J. DA SILVA.

Macau 7 de Outubro de 1863.

LIVROS.

Travessa do Governador, N.º 2.

UMA collecção de lindos romances encadernados, e outras obras recentemente chegada de Lisboa.

Preços modicos.

ABAIXO ASSIGNADO annuncia ao publico que, tendo dado maior desenvolvimento ás suas Officinas, acha-se agora ainda mais habilitado para se encarregar de todo o genero de trabalhos typographicos, executados com presteza e nitidez, por preços muito rasoveis.

J. DA SILVA.

ESTADO DO MERCADO.

Não tem havido alteraçao nos preços dos generos do mercado, apenas no do arroz se nota alguma tendencia para subir, continuando, por conseguinte, a existir os mesmos preços de que fizemos menção no numero passado.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 17 a 24 de Dezembro.

ENTRADAS.

Dez. 20—Brigue *Inglez Carl*—Capitão, William Dow—164 toneladas—de Manilla, com nele e artilheria.
" 20—Galeira Peruana *Perseverancia*—Capitão, Tetens—578 toneladas—de Hongkong, em lastro.

SAHIDAS.

Dez. 17—Barca *Ingleza Camilla*—Capitão, Jeffrey—508 toneladas—para Hongkong, com arroz e madeira.
" 17—Lorcha Portuguesa, No. 1, *Nosso Senhor da Esperança*—Patrão, J. C. Carrion—104 toneladas—para Amoi, com folhas de tabaco, e estercas.
" 19—Brigue Dinamarquez *Hercules*—Capitão, P. Dehollsen—220 toneladas—com opio, chá e louça china.
" 20—Galeira *Ingleza Mary Ann Wilson*—Capitão, London—944 toneladas—para Londres, com chá.
" 20—Barca Hespahola *Arcano*—Capitão, A. de Balgorda—597 toneladas—para Havana, com 298 passageiros chinas.
" 21—Brigue-Escuna Peruana *Theresa*—Capitão, J. Bollo—240 toneladas—para Callão de Lima, com 140 passageiros chinas.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 24 DE DEZEMBRO.

ENTRADA	APPARELHO	NAÇÃO	NOME	CAPITÃO	TON.	PROVINCENCIA	CONSIGNATARIO	ANCORADORO	DESTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Barca	Portuguesa	Tremeiga	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		Desarmado
Setbro, 23	Idem	Idem	S. Francisco Xer.	J. L. da Silva	256	Goa	V. da Portaria	Rio	Goa	
" 13	Junco	Siames	Cammenhem	Com-chem	257	Siam	Menkui	Rio	Siam	Á carga
Outbro, 2	Barca	Hollandeza	Alfred	H. P. S. T.	359	Macassar	Van der Hoeven	Rio		Idem
Novbro, 12	Barca	Peruana	Glothilde	S. Bollo	336	Callão de Lima	M. A. dos Remedios	Rio	Callão	Com passageiros chinas
Dezbro, 4	Brigue	Hespahol	S. Lourenço	B. de S. Calome	229	Manilla	B. E. Carneiro	Rio	Callão	Á carga
" 6	Galeira	Peruana	Theresa	Silvaci	562	Callão de Lima	Ordem	Rio	Callão	Com passageiros chinas
" 7	Barca	Peruana	Sol de Lima	Arrabarena	192	Callão de Lima	Lessaete	Rio	Callão de Lima	Com passageiros chinas
" 10	Galeira	Portuguesa	Dona Fernando	Senna	984	Hongkong	José da Silva	Rada	Havana	Com passageiros chinas
" 13	Barca	Peruana	General Prime	A. Olano	295	Callão de Lima	Castro	Rada	Perú	Com passageiros chinas
" 17	Barca	Portuguesa	S. Vic.º de Paula	R. Vic.º de Paula	326	Hongkong	V. Portaria	Rio		Com passageiros chinas
" 20	Brigue	Inglez	Carl	William Dow	164	Manilla	J. P. da Silva & Ca.	Rio		Descarregando
" 20	Galeira	Peruana	Perseverancia	Tetens	578	Hongkong	Ordem	Rada		